

## INCLUSÃO: COMO EFETIVAR O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Dayckson Rinnelly Pinheiro Oliveira<sup>1</sup>

Maria da Guia Silva de Oliveira<sup>2</sup>

Maria Josielma Lira Santana<sup>3</sup>

Rejane Medeiros da Silva<sup>4</sup>

### RESUMO

O direito de todos ao acesso à Educação é assegurado, temos a obrigação de respeitar, proteger e cumprir o direito de todos os estudantes. Este artigo tem por objetivo refletir sobre a prática docente inclusiva, na mudança de pensamentos e formas de avaliar que valorizem as competências dos estudantes atípicos. Vemos a necessidade na melhoria nas formações dos professores, para que promovam experiências educacionais que valorizem a presença e participação dos estudantes, reconhecendo os benefícios de conviver com as diversidades. Buscamos aporte teórico nos estudos de Fernádes (1991), Mantoan (2003) e Barbosa (2021). Nossos pressupostos metodológicos fundamentaram-se em uma pesquisa bibliográfica de autores que tratam da temática da inclusão considerando os estudos da Neurociência que possibilita afirmar que todo cérebro aprende. Realizamos ainda um estudo de caso na EMEF Eliete Souza de Araújo Silva, localizada no município de Frei Martinho, PB, aos professores desta escola foi solicitado que respondessem um questionário aberto sobre o trabalho docente. De acordo com o resultado da pesquisa, percebemos as dificuldades de um trabalho efetivo de inclusão onde aconteça aprendizagens e do processo de avaliação dos escolares atípicos.

**Palavras-chave:** Inclusão, aprendizagem, trabalho docente, avaliação.

### INTRODUÇÃO

Diante das inúmeras mudanças na sociedade atual, geradas principalmente pelos avanços tecnológicos que nos disponibilizam informações, faz-se necessária uma cultura de aprendizado que gere conhecimento. Para tanto, há que se buscar um sistema educacional democrático o qual assume o compromisso de promover situações de aprendizagem nas quais as exigências da sociedade moderna sejam atendidas, para que todos possam desenvolver suas capacidades, mediante uma educação que aceite a

---

<sup>1</sup>Mestrando em Ciências da Educação pela ESL Centro Educacional. Graduado em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [dayckson2@hotmail.com](mailto:dayckson2@hotmail.com);

<sup>2</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela ESL Centro Educacional. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE). E-mail: [daguiaartesanatofm@gmail.com](mailto:daguiaartesanatofm@gmail.com);

<sup>3</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela ESL Centro Educacional. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE). E-mail: [mjosielma25@gmail.com](mailto:mjosielma25@gmail.com);

<sup>4</sup>Mestranda em Ciências da Educação pela ESL Centro Educacional. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE). E-mail: [rejanemedeiro2013@gmail.com](mailto:rejanemedeiro2013@gmail.com).

diversidade. Para isso, é imprescindível explorar e estimular o potencial de aprender de todos os cidadãos. Torna-se obrigatório, então, promover a reconfiguração pedagógica nos ambientes educativos, pois o estímulo do potencial dos estudantes oportunizará um melhor desempenho individual, diminuindo a exclusão social.

Com base nesse ponto de vista, passa-se agora a promover uma interlocução entre a inclusão efetiva na educação, defendendo um diálogo criativo, uma visão da interferência positiva dos conhecimentos.

A pesquisa busca contribuir com a reflexão da efetivação do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, aplicamos uma entrevista com alguns professores e equipe técnica pedagógica da EMEF Eliete Souza de Araújo Silva, localizada no município de Frei Martinho, PB. Diante dessa realidade, nosso trabalho objetiva pesquisar também quais os métodos de avaliação de aprendizagem são aplicados com os alunos, especialmente os estudantes atípicos, pelos professores objetivando uma educação inclusiva.

## **METODOLOGIA**

Apresentamos uma abordagem qualitativa, realizamos uma pesquisa bibliográfica em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Foi feito um estudo exploratório destes trabalhos, evidenciando a temática abordada no presente artigo. Realizamos também um estudo de caso na EMEF Eliete Souza de Araújo Silva para evidenciar os fundamentos dos especialistas.

As temáticas pesquisadas foram inclusão e ensino aprendizagem, com o auxílio de alguns trabalhos (livros e artigos). Através deste estudo objetivamos intercalar os artigos e livros lidos para que possamos extrair os resultados necessários para seguir pesquisando. Buscando contribuir com a reflexão da efetivação do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, aplicamos uma entrevista com alguns professores e equipe técnica pedagógica.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### A INCLUSÃO ESCOLAR

Atualmente temos visto que quando todos possuem respeito e têm a chance de participar, a sociedade possui mais harmonia e fica mais diversa. Por fim, ela também ajuda a combater o preconceito e a construir relações mais solidárias entre as pessoas. O que nos leva a refletir o papel da escola para a sociedade. Segundo Mantoan (2003, p. 12):

A escola se entupiu do formalismo da racionalidade e cindiu-se em modalidades de ensino, tipos de serviço, grades curriculares, burocracia. Uma ruptura de base em sua estrutura organizacional, como propõe a inclusão, é uma saída para que a escola possa fluir, novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam (MANTOAN, 2003, p. 12).

Identificar e compreender algumas das bases que sustentam nossas ideias e nossas práticas é importante para situar a docência com segurança ou mesmo para promover mudanças. Para que aconteça a inclusão a escola precisa mudar seus paradigmas.

A inclusão tem um impacto positivo na vida de todas as pessoas. Aumentando a autoestima e a confiança. Permite, ainda mais, que as pessoas aprendam com as diferenças, criem empatia e se tornem mais tolerantes. Pessoas com deficiência também se beneficiam, pois têm a chance de participar de atividades e serem reconhecidas por seus talentos. Se a escola se comprometer em ressignificar seu processo de ensino.

É nítida a necessidade de adequação, tendo em vista as mudanças na sociedade, como sugere Mantoan (2003, p. 12):

Um novo paradigma do conhecimento está surgindo das interfaces e das novas conexões que se formam entre saberes outrora isolados e partidos e dos encontros da subjetividade humana com o cotidiano, o social, o cultural. Redes cada vez mais complexas de relações, geradas pela velocidade das comunicações e informações, estão rompendo as fronteiras das disciplinas e estabelecendo novos marcos de compreensão entre as pessoas e do mundo em que vivemos (MANTOAN, 2003, p. 12).

A educação inclusiva é um modelo educacional que busca garantir o acesso, participação e aprendizagem de todos os estudantes, independentemente de suas características, necessidades, habilidades ou diferenças. Na prática, a educação inclusiva deverá envolver a adaptação de práticas pedagógicas, estratégias de ensino, materiais didáticos e ambientes escolares para atender às necessidades individuais de cada aluno.

Diante dessa realidade nos deparamos com barreiras diversas, entre elas a formação de professores, que interfere a concepção de inclusão. “Que busquemos conflitar nos nossos pensamentos, ações e sentimentos... atitudes das que são típicas das escolas tradicionais em que ainda atuamos e em que fomos formados para ensinar” (MANTOAN, 2003).

As atividades desenvolvidas pelos estudantes com deficiências, transtornos e/ou dificuldade de aprendizagem em sala de aula devem ser adaptadas, desde que o currículo tenha sido adequado, conforme orientava os Parâmetros Curriculares Nacionais. Mas, infelizmente ainda estamos aprendendo como desenvolver essas estratégias.

Precisamos garantir a inclusão, pois a educação é direito de todos. A avaliação de alunos com deficiência sobre o olhar de uma educação inclusiva é uma necessidade imensa, devido à grande demanda de estudantes ditos atípicos, pois sabemos que ainda não promovemos uma educação com atendimento apropriado para as especificidades dos mesmos. Portanto, estudar sobre essa temática é necessário para que possamos construir práticas que venha facilitar e efetivar uma educação inclusiva para todos.

De acordo com Neurosaber (2017), “é preciso respeitar os limites que cada um apresenta. Portanto, deve-se ter um olhar minucioso quanto às habilidades e à percepção que os estudantes apresentam, sobretudo aqueles que manifestam alguma deficiência”. Para se trabalhar com a inclusão será preciso adotar técnicas que sejam eficazes. É preciso repensar e rever o significado que a escola tem sobre inclusão, e especialmente a avaliação que fazem do processo de ensino e da aprendizagem dos alunos, conforme descreve Mantoan (2003, p. 18):

A inclusão total e irrestrita é uma oportunidade que temos para reverter a situação da maioria de nossas escolas, as quais atribuem aos alunos as deficiências que são do próprio ensino ministrado por elas — sempre se avalia o que o aluno aprendeu, o que ele não sabe, mas raramente se analisa “o que” e “como” a escola ensina, de modo que os alunos não sejam penalizados pela repetência, evasão, discriminação, exclusão, enfim (MANTOAN, 2003, p. 18).

Aqui temos um indicativo de que estamos praticando a avaliação que exclui ainda mais nossos escolares. Para conhecer as competências, se faz necessário saber como devemos avaliar. “A avaliação deve ser feita de acordo com as potencialidades e os conhecimentos adquiridos pelo aluno” (PECHI, 2011).

Será essencial descobrir quais são as habilidades e dificuldades, e definir se os instrumentos que usados para a avaliação, estão de acordo com a capacidade dos

estudantes, se consideram as aquisições do aluno e o quanto ele conseguiu avançar, ou se estaremos reforçando o fracasso desse estudante. Como descreve Fernádes (1991, p. 82):

O problema de aprendizagem que apresenta, sofre, estrutura um sujeito, se situa, entrelaça, sintomatiza e surge na trama vincular de seu grupo familiar, sendo, às vezes, mantido pela instituição educativa. A criança pode não aprender, assumindo o medo de conhecer e de saber da família, ou respondendo a marginalização socioeducativa (FERNÁNDES, 1991, p. 82).

A relação entre a criança, a família e a escola encontram-se na relação particular entre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo desse sujeito, transversalizados por uma particular situação vincular e social. Para que ocorra a absorção dos conhecimentos é essencial que os educadores flexibilizem as metodologias e os suportes que podem usados, especialmente para aqueles alunos atípicos. Considerando que todo ser humano é capaz de aprender, devido sua capacidade cerebral, chamada de neuroplasticidade, como descreve Barbosa (2021, p. ??):

O cérebro humano é plástico – flexível e mutável – e que o processo de aprendizagem se dá, em grande medida, pela neuroplasticidade, é possível inferir que todo ser humano dotado de um cérebro é capaz de aprender. Dentro dessa perspectiva, devem ser levadas em conta as limitações, capacidades cognitivas prévias, ambientes sociais, estímulos, composição biológica e métodos de ensino (BARBOSA, 2021, p. 46).

Aprendizagem é consequência dessa neuroplasticidade. A neuroplasticidade produz modificações nos circuitos neurais, aumentando o fluxo de informações no cérebro, ou seja, facilitando e/ou registrando a “conversa” entre neurônios. Para que “*a aprendizagem seja mais efetiva e duradoura é necessária a reativação dos circuitos neurais que representam o conhecimento, a habilidade ou a atitude a ser aprendida*” (AMARAL E GUERRA, 2022, p. 64).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

De acordo com a pesquisa com a equipe técnica, os alunos tem apresentado baixo desempenho escolar, dificuldades em leitura, escrita e conhecimentos matemáticos (processo de alfabetização), alunos com déficits de aprendizagens e possíveis transtornos. Sendo 14 alunos com laudo e 41 com dificuldades de aprendizagem sem diagnóstico. Quando questionamos quais condições físicas e materiais a escola oferece para que a aprendizagem ocorra, a coordenadora respondeu que “*Nas salas do ciclo de Alfabetização tem os ambientes alfabetizadores, Sala de Leitura, assistente de aluno com deficiência,*

*jogos educativos...*” Questionamos quais medidas são tomadas quando os professores apresentam as ‘suspeitas’ das dificuldades de aprendizagem ou necessidades específicas para a gestão/coordenação, a gestora respondeu: “*Convidamos as famílias para dialogar sobre as observações na sala e encaminhamentos para os multiprofissionais*”. Ainda perguntamos sobre os instrumentos de avaliação a escola utiliza para identificar a aprendizagem dos estudantes, a equipe respondeu: “*De 1º ao 2º Ano avaliação através de competências e habilidades e de 3º ao 9º Ano através de avaliação contínua, formativa e somativa. Com provas escritas, trabalho em grupo e pesquisas*”. Seguimos dialogando para conhecer como acontece a formação continuada com a equipe gestora e professores, e a coordenadora explicou que “*de 1º ao 5º Ano acontecia formação continuada em Regime de Colaboração do Integra Educação Paraíba, no ano passado o Estado da Paraíba em parcerias com o governo federal e os municípios ingressaram no Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, que no estado intitula Alfabetiza Mais Paraíba*”.

Assim constatamos que a formação continuada na escola é atendida pelos pactos em regime de colaboração para refletir e acompanhar os processos de ensino e aprendizagem.

Os questionários com professores objetivavam compreender inicialmente a maior dificuldade diante de uma criança que tem baixo rendimento e ainda não possui diagnóstico. Tivemos relatos como:

Por se tratar do processo de alfabetização, a dificuldade é o planejamento e execução de atividades diferenciadas uma vez que as crianças apresentam a certa apatia ou inquietação, não conseguindo atender comandos com autonomia. Dessa forma diante da quantidade de crianças é muito difícil proporcionar as crianças o suporte que elas precisam para avançarem (prof. 1).

Vimos que a professora se apresentou angustiada devido a quantidade de crianças na sala de aula. Houve relatos como: “*Não saber lidar com uma criança que necessita da intervenção de outros profissionais para acontecer a aprendizagem*” (prof. 2). Nesse caso, a professora demonstra a dificuldade de desenvolver práticas pedagógicas efetivas. Também citaram: “*... não sabe por onde começar a ajudar a criança ter um melhor avanço diante das suas dificuldades na aprendizagem, o professor geralmente fica tentando encontrar uma metodologia acessível e o tempo passa e nada acontece* (prof. 3). Ainda que: “*Eu não sei que tipo de atividade desenvolver, pois cada deficiência, transtornos ou déficit de aprendizagem requer atividades específicas*” (prof. 4).

Segundo o diálogo com a equipe pedagógica vimos que, a escola não possui sala multifuncional para atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem. E temos pelo menos um aluno com laudo na maioria das salas e mais de um aluno com dificuldade acentuada de aprendizagem. Somente três alunos com laudo são atendidos pela sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), localizada em outra instituição de ensino no município.

Os professores procuram adaptar as metodologias de ensino adequando o currículo, embora não reconhece bons avanços. Como cita um dos professores: *“Sempre busco desenvolver atividades diferenciadas, porém como não consigo aplicar com excelência, percebo que os resultados são mínimos”* (prof. 4). Infelizmente o trabalho com inclusão tem percalços que impedem trabalhar com eficácia.

Sequenciamos buscando compreender as situações de inclusão e planejamento para melhorar a efetivação do processo de ensino inclusivo. Perguntamos: Como os professores reagem diante de uma situação em que o aluno não aprende, mesmo tendo as intervenções? Seguimos ouvindo os relatos: *“Em geral, comunicamos a escola, por serem pequenas, ficamos em alerta tentando perceber avanços ou regressos. Com relação aos pais, temos muitas vezes receio em manter algum tipo de demanda”* (prof. 1). *“Sempre fica dando uma maior atenção, mas muitas vezes não conseguimos avançar na aprendizagem desse aluno”* (prof. 2). *“Individualmente, infelizmente com pouquíssimo tempo pois sempre que estamos atendendo a um aluno que precisa de maior atenção. Os demais ficam querendo também”*(prof. 3). *“Ficamos preocupando sem saber o que fazer, porém consciente que se esse aluno fosse acompanhado com uma equipe multiprofissional, teria avanços mais significativos, e até simplesmente o apoio familiar”* (prof. 4). Outro professor relatou: *“convocamos as famílias para uma conversa, em seguida, encaminhamos o aluno para um profissional”* (prof. 5).

Quanto às intervenções, os professores responderam como podem agir nos casos de dificuldades de aprendizagem ou problemas comportamentais.

No caso da turma que sou responsável há crianças que apresentam uma certa apatia, dessa forma não creio que atividades diferenciadas resolvam. Uma forma que encontro de ajudar as crianças com dificuldade, são os agrupamentos produtivos. Porém, dando um tempo para que as crianças que demandam autonomia realizem a atividade e posteriormente ofereçam suporte a que não (prof. 1).

Realmente conhecer os potenciais de cada criança se torna primordial para efetivar a prática pedagógica. Mas, a ajuda de outros profissionais se torna essencial, como relata a professora: *“Seria necessário apoio ou ajuda de um profissional capacitado. Pois não*

*somos especialistas na área e isso nos angustia muito. Por não saber lidar com a situação” (prof. 2). “Aplicando atividades diversas de acordo com a realidade do aluno” (prof. 3). “As intervenções são importantes para resolver tais problemas, quando há uma colaboração das famílias” (prof. 5).*

Assim, os métodos pedagógicos instrucionais os quais não permitem dar a devida atenção à individualidade, e que se passe a compreender melhor como podemos lidar com certas características pessoais dos alunos. O professor deve ser um participante ativo no processo de aprendizagem do aluno, na identificação, mobilização e utilização de métodos e recursos variados. Compreendendo como as ciências do cérebro, que avançam vertiginosamente, adicionando informações científicas essenciais para a melhor compreensão da aprendizagem como fenômeno complexo. Como cita Barbosa (2021, p.43):

O cérebro humano é uma estrutura anatomorfológicamente complexa que tem a responsabilidade de controlar todo o funcionamento do corpo humano, inclusive a maneira com que aprendemos... todos são capazes de aprender, cada um em seu tempo e dentro de suas limitações, porém todo cérebro é capaz, em maior ou menor medida de aprender (BARBOSA, 2021, p. 43).

Os estudos da Neurociência nos possibilitam compreender melhor como aprendemos, conhecer as funções mentais envolvidas na aprendizagem, as relações entre cognição, emoção, motivação e desempenho, as potencialidades e as limitações do sistema nervoso, as dificuldades para aprendizagem e as intervenções a elas relacionadas pode contribuir, de forma significativa, para a compreensão de um conjunto de questões relativas ao cotidiano escolar. Como relata Amaral e Guerra (2022, p. 43):

As descobertas da Neurociência têm trazido contribuições para um conjunto de conceitos das diferentes teorias da Educação e da Psicologia do Desenvolvimento Humano. Antes do avanço da pesquisa neurocientífica, a única ferramenta para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem era a observação do comportamento da criança e da sua relação com o ambiente (AMARAL E GUERRA, 2022, p. 43).

Pode-se esperar em termos de transformações profundas no trabalho escolar, especificamente no ensino, a compreensão do processo de aprendizagem e de formação dos conhecimentos. Mas para a *“efetiva integração entre Neurociência e Educação, é imprescindível a inclusão dos fundamentos neurocientíficos do processo de aprendizagem na formação inicial do educador”* (AMARAL E GUERRA, 2022, p. 46).

Com isso, se faz necessário que a formação docente seja contemplada com base teórica que disponibilize os conhecimentos da Neurociência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou refletir a prática pedagógicas, das teorias e dos conhecimentos elaborados nas formações. Foi possível perceber a necessidade de formações e acompanhamento de equipes multiprofissionais é urgente.

Nessa perspectiva faz-se necessário um acompanhamento de especialistas para encaminhamentos adequados para cada necessidade, pois precisamos garantir a inclusão já que, a educação é direito de todos.

Assim, a avaliação de alunos com deficiência sobre o olhar de uma educação inclusiva é uma necessidade imensa devido à grande demanda de estudantes com deficiência, pois sabemos que ainda não promovemos uma educação com atendimento apropriado para as especificidades dos mesmos. Portanto estudar sobre essa temática é necessário para que possamos construir práticas que venha facilitar e efetivar uma educação inclusiva para todos.

Nesse contexto essa pesquisa é de suma importância e de grande urgência, pois a cada dia nossa realidade vem aumentando a demanda de alunos com deficiência e precisamos elaborar instrumentos de práticas que venha contribuir de forma efetiva para auxiliar os professores e demais profissionais da educação como atender os alunos com deficiência, como ajudar para que possamos avaliar com um olhar diferenciado que identifique as demais habilidades que esses alunos tem a oferecer

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ana Luiza Neiva. GUERRA, Leonor Bezerra. **Neurociência e educação: olhando para o futuro da aprendizagem**. Brasília: SESI/DN, 2022. Capítulo 3 e 4, p. 35 – 64.

BARBOSA. Luan Felipe. Como o cérebro aprende: contribuições das neurociências à educação. SALA DE RECURSOS REVISTA, v.2 n.2, mai - agos. 2021.

FERNÁNDES, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991. Capítulo 6, p. 82-88.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar).



NEUROSABER. **Como avaliar as aprendizagens dos alunos com deficiência?** 2017. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/como-avaliar-as-aprendizagens-dos-alunos-com-deficiencia> Acesso em 30 de maio de 2024.

PECHI, Daniele. **Como avaliar as aprendizagens dos alunos com deficiência?** 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1477/como-avaliar-as-aprendizagens-dos-alunos-com-deficiencia>. Acesso em 30 de maio de 2024.